

*O presente artigo pretende realizar investigações entre o relacionamento do Brasil e África Lusófona no período do Regime militar brasileiro, entre 1970 a 1975. Em específico acompanhar o processo de independência de Angola, país que até 11 de novembro de 1975 era colônia portuguesa. O Brasil que sempre teve uma postura de apoiar as decisões de Portugal como também dos EUA. Neste momento de plena Guerra Fria, o governo brasileiro toma atitudes “autônomas” apoiando a emancipação de Angola, mesmo esse sendo de ideologia marxista e apoiada pela União Soviética e o Brasil de regime ditatorial militar de direita e ligado ao EUA.*

## **As relações políticas e econômicas entre Brasil e África Lusófona no período do Regime Militar brasileiro (1970 -1975)**

**José Francisco dos Santos<sup>1</sup>**

### Introdução

O período denominado Guerra Fria teve seu início com as bombas nucleares que foram jogadas nas cidades de Hiroxima e Nagasaki, a partir desse fato inaugurou – se, o conflito entre duas grandes potências mundiais: EUA e URSS. A denominada guerra nunca teve um confronto direto, mas sim, um apoio ideológico entre os países que defendiam o capitalismo (EUA) ou socialismo (URSS)<sup>2</sup>.

Todavia, há alguns países os quais não se encaixam adequadamente dentro deste novo contexto mundial, como por exemplo, Portugal, país que no passado (século XV) chegou a ser uma das grandes potências mundiais, mas no início do século XX tem uma economia atrasada e uma política anacrônica. Como exemplo disso, a partir de meados dos anos 1926, Portugal teve uma ditadura de Antonio Oliveira Salazar de caráter “fascista”, que passou pelo período entre guerras, 2º Guerra Mundial (em que a maioria dos regimes fascistas encerra-se) e Guerra Fria. O Seu término ocorreu em 25 de Abril de 1974, com a denominada Revolução dos Cravos, uns dos acontecimentos mais traumático da Guerra Fria. No entanto, esse fato apesar de sua relevância não é o assunto que vou concentrar – me, haja vista que a Revolução dos Cravos deu fôlego há outros movimentos, que estavam ocorrendo no continente africano, especificamente nos países de língua portuguesa.

<sup>1</sup> Mestrando em História Social – PUC SP

<sup>2</sup> HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: Breve Século XX: 1914 -1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia da Letras, 1995. p. 223.

Diferentemente do Brasil que consegue sua independência em sete de setembro de 1822, com a proclamação feita por D. Pedro I, como imperador do Brasil; os estados africanos de língua portuguesa eram até a década de 1970 colônias lusitanas.

A permanência destas colônias até esse período teve reações contrárias no mundo todo, segundo o historiador Francisco Carlos Palomares Martinho, desde 1950 o Brasil acreditava que seria o herdeiro natural de Portugal, na África portuguesa. Otimismo revelado na época por Álvaro Lins, embaixador do Brasil, em Portugal.

Embora a apelação internacional, Salazar era totalmente resistente à idéia de independência de suas colônias tanto que segundo Martinho discorre no início da guerra anticolonial, o Brasil, o Vaticano e a Espanha pediam a Salazar para abrir mão de suas colônias, e este retrucou: “Estamos cada vez mais orgulhosamente sós”<sup>3</sup>.

A frase do ditador português reflete bem sua postura inflexível, em relação à “África portuguesa”. Já o Brasil mostra uma postura independente em relação a Portugal, como Martinho escreve:

“... o Brasil iniciou unilateralmente atitudes que desagradaram ao governo de Lisboa. Em 16 de junho de 1974, sem consulta previa aos portugueses, o Brasil reconhecia a independência de Guiné – Bissau. Atitude que passava por cima do tratado de Amizade e consulta”<sup>4</sup>.

Além de Portugal que não se encaixava corretamente na nova ordem mundial, pois antes tinha caráter fascista, após a Revolução dos Cravos de caráter socialista. Suas colônias realizavam movimentos de independência, os quais aproximavam – se das idéias socialistas.

Como ilustração tem-se Angola, uma das colônias portuguesa com maiores riquezas minerais e grande potencial agrícola, começa em meados da década de 1950 com a criação de movimentos de independência, com as organizações angolanas: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) 1956, a Frente Nacional de Libertação (FNLA) 1954 e a União de Independência total de Angola (UNITA)<sup>5</sup>.

Esses movimentos que ocorreram em Angola têm apoios externos, o que faz da independência angolana ter outros autores além de Portugal e o próprio país.

Como escrito no início, as independências dos países africanos de língua portuguesa estão inseridos dentro do contexto da Guerra Fria, no caso específico de Angola, os três movimentos que lutam pela independência recebem apoio de outros países interessados tanto na questão ideológica como nas riquezas minerais.

3 MARTINHO, Francisco Palomares. Um país Tropical na Guerra Fria. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, ano 2, nº 19, abril 2007. p. 62.

4 Id. Ibid., p. 62.

5 MENEZES, Solival. Mamma Angola: Sociedade e Economia de um país nascente. Prefácio de Paul Singer. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2000. p.34

A MPLA liderada pelo médico e poeta Agostinho Neto é denominada marxista, que tem apoio tanto da URSS como de Cuba; a UNITA de linha maoísta liderada por Jonas Savimbi e a FNLA pro – ocidente liderado por Holden Roberto, que era acusado de ser agente da CIA, recebia apoio dos Estados Unidos<sup>6</sup>.

Portanto, Angola ganha proporções globais, em que até o Brasil de maneira enigmática também se insere, apesar de que a relação Brasil e Angola é bem mais antiga, como podemos ver no escrito do economista Paul Singer:

“Entre 1808 e 1820, Angola foi governada do Rio de Janeiro, quando a corte portuguesa estava lá instalada. No período do tráfico negreiro, Angola forneceu a maior quantidade de escravos para o Brasil. Quando após longa guerra tornou – se independente, em 1975, o Brasil foi uma das primeiras nações a reconhecer o regime do MPLA, o que ajudou a sua consolidação”<sup>7</sup>.

No mesmo livro o economista Solival Menezes faz uma citação do jornalista Eduardo Bueno, no qual faz alusão do contato ser ainda mais antigo:

“No comando da pequena embarcação o destemido Nicolau Coelho (Capitão português que já navegava com Vasco da Gama na “descoberta da Índia”) tinha a completa atenção de seus três companheiros de bordo: Gaspar da Gama (um mouro capturado na Índia, assim chamado em homenagem a seu padrinho e capator) um marinheiro da guiné e um escrevo de Angola”<sup>8</sup>.

Menezes chega a declarar que em Angola encontrou suas origens: “Isso mesmo!!! Em Angola eu encontrei as minhas origens da minha cultura redescobri meu país, o Brasil e passei a compreender um pouco mais do meu próprio”<sup>9</sup>.

No entanto, é bom lembrar que na década 1970, o Brasil passava por uma ditadura militar, na qual havia uma forte aproximação com política estadunidense de coibir as forças de esquerdas. Tanto que a partir de 1964 os partidos em geral foram extintos e os de esquerdas foram caçados e muitos foram presos, torturados, mortos e outros exilados<sup>10</sup>.

O que leva a indagarmos, por que o Brasil de ditadura de direita é o primeiro país a reconhecer a independência de Angola?

Em 11 de novembro de 1975, data de independência deste país, mostrou-se um conflito entre os três movimentos angolanos (MPLA, UNITA e FLNA) que prosseguiram em guerra civil. Desse conflito, o

<sup>6</sup> .Jornal Opinião, 24 de janeiro de 1975, p. 17

<sup>7</sup> MENEZES, Solival. Mamma Angola: Sociedade e Economia de um país nascente. Op. Cit. P. 17

<sup>8</sup> Id. Ibid., p. 21.

<sup>9</sup> Id. Ibid., p. 25

<sup>10</sup> Para mais informações consultar: GASPARI, Elio. Ditadura Envergonhada. São Paulo: Companhia da Letras, 2002; \_\_\_\_\_. Ditadura Escancarada. São Paulo: Companhia da Letras, 2002; \_\_\_\_\_. Ditadura Derrota. São Paulo: Companhia da Letras, 2003; Arquidiocese de São Paulo (org.)Brasil: Nunca Mais. 4° ed. Petrópolis: Vozes, 1985; PARKER, P. R. 1964: O Papel do EUA no Golpe de Estado de 31 de Março.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1977; MIR, Luis. A Revolução Impossível. São Paulo: Best Seller,1994

#### Referências:

ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

ANTUNES, António Lobo. Os cus de Judas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

AQUINO, Maria Aparecida. Censura, imprensa e estado autoritário (1968-1978). Bauru: USC, 1999.

Arquidiocese de São Paulo (org.) Brasil: Nunca Mais. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BAHIA, Juarez. Jornal, história técnica. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1990

BOSI, Eclea. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 5ª ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1990.

BRUCAN, Silvio. La disolucion del poder: Sociología de las relaciones internacionales y políticas. México: Siglo XXI, 1974.

CERVO, Luiz A. e BUENO, Clodoaldo. A política externa brasileira. 1822 – 1985. São Paulo: Ática, 1986.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. (Orgs.). Questões para história do tempo presente. Trad. Ilka Stein. Bauru: USC, 1999.

DUROSELLE, Jean Batiste. Todo império perecerá. Tradução Ane Luze Magalhães. Brasília: UNB. São Paulo: Imprensa do Estado, 2000.

ENNES FERREIRA, Manuel. A Política de Recuperação Econômica na R. P. de Angola. Política Internacional, vol. 1, nº 1, p. 107-131. 1990.

grupo que consegue assumir a presidência é a do médico e poeta Agostinho Neto de linha marxista, aliado à URSS e a Cuba, esse último inclusive manda tropas para lutar contra os grupos oposicionistas.

Quanto ao Brasil, este tem um posicionamento dúbio, pois apesar de apoiar a independência de Angola (Há até relatos que guerrilheiros brasileiros de esquerda vão para a mesma lutar pela independência do país sem consentimento do governo brasileiro) e ao mesmo tempo, o governo do Brasil, repreende grupos internos de esquerda.

A relação entre o Brasil e Angola, por exemplo, perdura até hoje, como o assistente social, João Sebastião Makuédia discorre em sua dissertação de mestrado: "Reflexões sobre Políticas sociais de Enfrentamento a Pobreza: O caso de Angola", trabalho que corteja a emigração angolana no Brasil, em específico a cidade de São Paulo, do período de sua independência em 11 de novembro de 1975 até o momento atual. Mostrando como os conflitos internos de Angola têm ressonância aqui, onde se tem uma comunidade angolana.

Para compreensão desse período a imprensa tem grande importância, visto que os meios midiáticos contribuem para interpretação dos fatos, tornando - se fonte primária para compreensão de elementos ligados à história.

A utilização da imprensa tem que ser acompanhado de uma análise criteriosa, que possa chegar o mais próximo da verdade, como o jornalista, Perseu Abramo escreve em seu livro: "Padrões de Manipulação na Grande Imprensa":

"A manipulação da realidade pela imprensa, ocorrem de varias e múltiplas formas. É importante notar que não é todo o material que toda a imprensa manipula sempre. Se fosse assim – se pudesse ser – assim – o fenômeno seria autodesmistificador e autodestruidor por si mesmo e sua importância seria extremamente reduzida ou quase insignificante. Também não é que o fenômeno ocorra uma vez ou outra, numa ou noutra matéria de um ou outro jornal; se fosse esse o caso, os efeitos seriam igualmente nulos ou insignificantes<sup>11</sup>".

<sup>11</sup> ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 25.

Abramo discorre a respeito da grande imprensa, todavia há a "imprensa independente", que não deixa também de mostrar o seu lado de verdade.

Temos o jornal Folha de S. Paulo que é um dos periódicos, contrapondo ao periódico, Opinião, do Rio de Janeiro. O primeiro jornal de grande expressão e circulação, mesmo sendo um jornal lido e feito para a classe média e elite sofre com a ditadura. O segundo periódico do Rio de Janeiro era lançado semanalmente, em que escreviam grande parte dos intelectuais de esquerda como Newton Carlos, Fernando Henrique e Celso Furtado.

Pode pensar por meio desses periódicos em questão, procurar trazer a luz uma investigação histórica, sobre fatores que possam compreender melhor a relação entre o Brasil e a África portuguesa, numa época tão conturbada (Guerra Fria), principalmente com a Revolução dos Cravos, em Portugal, com lutas pela independência na África portuguesa e ditadura militar no Brasil.

Segundo o historiador Eduardo Munhoz Svartaman, o Brasil até o governo Emilio Médici (1969 – 1974) sempre teve uma política que, de uma forma ou de outra, amparou a posição portuguesa tanto na ONU, quanto junto aos países africanos já independentes que denunciavam as atrocidades do tardio colonialismo lusitano.

Todavia, um tempo depois como próprio jornal Folha de S. Paulo expõe no dia 11 de novembro de 1975 na manchete: "Nasce à República de Angola":

"O governo brasileiro decidiu ontem reconhecer o governo de Angola instalando uma representação em Luanda, ou seja, do MPLA, em nota oficial divulgada pelo Itamaraty, o presidente Geisel enviou mensagem de agradecimento a Agostinho Neto pelo convite, que lhe foi formulado para comparecer às solenidades de independência e indicou o

FERREIRA, E. de Sousa. A Lógica da Consolidação da Economia de Mercado em Angola, 1930-1974". *Análise Social*, vol. XXI, nº 85, pp. 83-110. 1985.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FRY, Peter (Org.) *Moçambique Ensaio*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

GASPARI, Elio. *Ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ditadura Derrota*. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.

HALAMI, Serge. *Os novos cães de guarda*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana. *Luisa. Cidade e imprensa*. São Paulo: Unesp, 2006.

LUCA, Tânia Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanez. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: Breve Século XX: 1914 -1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

LOPES, Carlos. *Governabilidade na África: preocupação real ou falsa? O caso dos países de língua portuguesa*. In: *Globalização regionalização e nacionalismo*. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999.

MAKUÉDIA, João Sebastião. Reflexões, sobre políticas sociais de enfrentamento a pobreza: O Caso de Angola. 2002. Dissertação. (Mestrado em Serviço Social), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

MARTINHO, Francisco Palomares. Um país Tropical na Guerra Fria. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 2, nº19, abril 2007.

MENEZES, Solival. Mamma Angola: Sociedade e Economia de um país nascente. Prefácio de Paul Singer. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2000.

MERLE, Marcel. Sociologia das relações internacionais. Brasil: UNB, 1981

MIR, Luis. A revolução impossível. São Paulo: Best Seller, 1994.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. A comunidade dos países de língua portuguesa: a base lingüística e a base material. São Paulo em Perspectiva. São Paulo: Revista da Fundação SEADE. Vol.9, nº 1, jan/ mar.1995.

PARKER, P. R. 1964: O Papel do EUA no Golpe de Estado de 31 de Março. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

QUEIRÓS, Manuel (Org.). Textos do M.P.L.A sobre a revolução Angola( Textos de várias épocas do período revolucionário de 1965 a 1973). Maria Fonte, (?)

RÉMOND, René. Por Uma História Política. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SANTOS, Daniel. Economia, Democracia e Justiça em Angola: O Efêmero e o Permanente. Estudos afro-asiáticos. Rio de Janeiro, v. 23, no.1, jan/jun. 2001.

embaixador Ovídio Andrade Melo que já se encontra em Luanda para representá-lo”<sup>12</sup>.

O interesse brasileiro na África portuguesa, não era simplesmente “humanitário,” segundo o pesquisador Daniel Santos em seu artigo: “Economia, democracia justiça em Angola: O efêmero e o permanente”, em que tece comentários sobre os interesses econômicos das grandes potências como EUA, Alemanha e Inglaterra, que desde período colonial têm investimentos em Angola, tanto que Portugal acaba virando refém desses países.

Em seu artigo há um trecho de uma entrevista do cardeal Nascimento ao jornal francês, Lê Monde:

“Os amigos de Angola amam as riquezas do país muitos mais que seus habitantes: se Angola tivesse menos ouro, menos petróleo, menos algodão, menos diamantes termos-iam deixado em paz (...) Os mais importante é pôr um ponto final à guerra. Sem a Guerra não mais teríamos a necessidade de mendigar”<sup>13</sup>”

Também é relevante desta que a Revolução dos Cravos em Portugal a partir de 24 de abril de 1974, ocorreu de forma repentina, como aponta o historiador Martinho:

“O movimento ocorre de maneira tão surpreendente que restou aos EUA a mero espectador dos (...) Foi inesperado também, ocorrendo praticamente da noite para o dia. Pegos de surpresas nações poderosas, como os Estados Unidos (...) como disse o chefe da CIA em Londres Cord. Meyer: “Quando a Revolução aconteceu em Portugal, os Estados Unidos tinham “saído para almoçar”<sup>14</sup>.

Portanto, esse período é muito rico historicamente, pois modificações relevantes estão acontecendo tanto na estrutura política como econômica no mundo. E como exposto, em linhas anteriores, os países aqui citados sofreram mudanças às quais têm conseqüências até o momento atual.

Estes relatos mostram a relevância da relação entre o Brasil e Angola como aponta o historiador Munhoz Svartman em seu artigo cuja pesquisa sobre os autores do período da década de 1970

<sup>12</sup> Folha de S. Paulo, 10 de novembro de 1975, p. 10.

<sup>13</sup> Id. Ibid. p. 10

<sup>14</sup> MARTINHO, Francisco Palomares. Um país Tropical na Guerra Fria. Op. Cit. P. 63.

traz elementos enriquecedores para a compreensão da ditadura militar no Brasil e do período da África Lusófona<sup>15</sup>.

### Autonomia do governo brasileiro

Como já mencionado, insere-se num período de significativas mudanças tanto na política interna quanto nas relações internacionais. Internamente, o Brasil sofre o golpe militar, a política passa de democrático pluripartidário para uma ditadura militar. Externamente, estamos na segunda fase da Guerra Fria<sup>16</sup>, os países africanos lusófonos passam pelo processo de independência na década 1970, em que o Brasil tem grande importância, visto que, sempre adotou uma postura que agradasse ao governo português, até o Governo Geisel (1974 -1979).

Ainda não se pode perder de vista que Angola usufrui de grandes riquezas naturais, fato que desperta grandes interesses nas potências estrangeiras, como denúncia o cardeal Nascimento.

O Brasil também interessado nessas riquezas altera sua postura, com o governo Geisel, Svartam chama atenção para a mudança econômica que o Brasil sofre na década de 1970.

“A política internacional do Brasil se desideologizava e se multiralizava, acampando o processo de expansão de sua economia que agregava novos itens à sua pauta de exportação de produtos primários, como os mineiros da região norte ou a soja, e que começava a exportar artigos indústrias e serviços. Por outro lado, o cenário internacional impunha problemas ameaçadores ao projeto brasileiro: tanto em função da elevação do preço do petróleo, item majoritário na pauta de importação de decisivo para geração de energia e produtos intermediários para as indústrias, quanto da instabilidade e tendência

SARAIVA, José Flávio Sombra (Org). Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Brasil: IBRI, 2001.

SECCO, Lincoln. A Revolução dos Cravos. São Paulo: Alameda, 2004.

SODRE, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil, Rio de Janeiro. UFRJ, 1996.

SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SVARTAMAN, Eduardo Munhoz. As Relações do Brasil com a África Lusófona nos anos 1970. História: Debates e tendências. Passo Fundo, v. 6, nº 1, p.5-21, 1º sem. 2006.

VIZENTINI, Paulo Fangundes. A política externa do regime militar brasileiro: multiralização, desenvolvimento e a construção de uma potência média (1964 – 1985). Porto Alegre: UFRGS, 1998.

<sup>15</sup> Trata - se de uma expressão de definição complicada e carregada de interesse políticos. O que comumente se chama África portuguesa, ou lusófona, possui uma identificação direta com o discurso e a prática colonialista de Portugal, o que coloca a expressão em cheque após as independências. SVARTAMAN, Eduardo Munhoz. As Relações do Brasil com a África Lusófona nos anos 1970. História: Debates e tendências. Passo Fundo, v. 6, nº 1, p.5-21, 1º sem. 2006. p. 07.

<sup>16</sup> “ (...) As revoluções da década de 1970 levaram, portanto ao que chamou “Segunda Guerra fria (Halliday, 1983), travado, como de hábito procuração entre os dois lados, sobretudo na África depois no Afeganistão, onde o próprio exército soviético se envolveu fora de suas fronteiras pela primeira vez desde a Segunda Guerra fria Mundial”. HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. Op. Cit. p.439.

depreciativa do valor dos produtos primários, que ainda eram decisivos para a atenção divisas brasileiras”<sup>17</sup>.

Assim como a postura de Geisel não é unânime no governo, o periódico “Movimento” faz seguinte análise:

“(…) Como, porém, o Brasil se colocou do outro lado agora permanece a incomoda posição de ouvir as críticas ao avanço comunista e presenciar a campanha dos Estados Unidos contra essa investida sem poder opinar” - comentou o jornal O Estado de S. Paulo, em relação ao conflito Angolano, transportando para os dias atuais as antigas idéias do general Golbery, revividas sob a luz da teoria de Moynihan: MPLA no poder, o Atlântico ameaçado. Ao mesmo tempo em que o ministro Azeredo da Silveira estava participando da conferência Mundial de Energia, o porta voz do Itamaraty declarou a respeito que “se o Brasil considerasse que a evolução da situação em Angola constituía um perigo para nosso país teria fechado sua missão diplomática em Luanda<sup>18</sup>”.

Portanto, esse período, creio que seja riquíssimo para o melhor entendimento, de um momento histórico ainda pouco discutido no meio acadêmico, bem como na sociedade como todo, sendo de extrema importância a sua divulgação e entendimento.

<sup>17</sup> SVARTAMAN, Eduardo Munhoz. As Relações do Brasil com a África Lusófona nos anos 1970. Op. Cit. p.10-11.

<sup>18</sup> Jornal Movimento, 29 de dezembro de 1975. p. 20